



A PRODUÇÃO DE UMA CARTILHA PEDAGÓGICA COM CRIANÇAS XUKURU-KARIRI: SABERES TRADICIONAIS, ALFABETIZAÇÃO E INTERCULTURALIDADE

ARAÚJO, Débora Ranyelly Santos¹
LIMA, Carlos Henrique da Silva²
LIBARDI, Suzana Santos³

Grupo de Trabalho (GT): Infâncias, Juventudes e Processos Educativos.

RESUMO

O presente trabalho apresenta a produção de uma cartilha educativa construída com crianças da etnia Xukuru-Kariri, na aldeia Mata da Cafurna, no agreste alagoano. A proposta se insere na interface entre educação indígena e psicologia escolar, visando promover uma alfabetização contextualizada, articulada aos saberes tradicionais sobre natureza, saúde e território. Com base em uma metodologia participativa, foram realizadas oficinas com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, envolvendo atividades de escuta, oralidade, escrita, cultivo de plantas, entrevistas com anciãos/as e produção de receitas tradicionais. A cartilha resultante se configura como ferramenta pedagógica e instrumento de resistência cultural, fortalecendo vínculos intergeracionais e a identidade indígena no ambiente escolar. Neste trabalho, além de discutir os fundamentos teóricos da proposta, são descritas as atividades desenvolvidas ao longo do processo de construção da cartilha. Os resultados apontam para relevância de produção de material pedagógico para essa modalidade educacional e para a potência da interculturalidade na prática educativa.

Palavras-chave: Psicologia escolar. Educação escolar indígena. Saberes tradicionais. Infância indígena.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se a um relato de experiência da construção de uma cartilha pedagógica com crianças indígenas, intitulada “Diálogos Intergeracionais Xukuru-Kariri”, como produto do projeto de pesquisa-extensão “O olhar de crianças indígenas do Agreste alagoano” que ocorreu no ano de 2024 e foi desenvolvido pelo Grupo de Leitura e Estudos da Infância (GLEI), um subgrupo do Laboratório de Pesquisa e Extensão em Psicologia Escolar Educacional do Semiárido Alagoano (LAPES), do curso de graduação em Psicologia da Unidade Educacional Palmeira dos Índios da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), em parceria com o equipamento popular de promoção de saúde Espaço Magia da Terra, de iniciativa de Koram Xucuru, liderança Xukuru-Kariri, mulher de sabedoria e mezinheira (mulher que usa as ervas e alimentação como cura). O projeto ocorreu na Escola Estadual Indígena Mata da Cafurna, na cidade de Palmeira dos Índios, Alagoas, e foi realizado com crianças de uma turma do segundo ano do Ensino Fundamental.

¹ Universidade Federal de Alagoas. Debora.araujo@arapiraca.ufal.br

² Universidade Federal de Alagoas. Carlos.lima@im.ufal.br

³ Universidade Federal de Alagoas. Suzana.libardi@gmail.com





Partindo do pressuposto de que o papel da infância em sociedades indígenas transcende a hegemonia do entendimento desse momento da vida e suas possibilidades, a construção do produto educacional se deu a partir da escuta, fala, escrita e desenho das crianças sobre seu ponto de vista em relação a aldeia, seu cotidiano e utilidade das “plantas poderosas”, construindo cartazes, promovendo a reciclagem e desenvolvendo atividades em consonância com as preocupações socioambientais – todas as atividades executadas em oficinas. O interesse da equipe do GLEI estava voltado para as trocas intergeracionais e como estas são potências para a transmissão do saber, o que tem relação intrínseca com a perspectiva de diluição do saber (Tassinari, 2009), que a concebe na recusa da escola como única fonte do conhecimento e da aprendizagem escolar como a principal aprendizagem, além da exclusividade da posição de aluno à infância.

OBJETIVOS

Este trabalho tem como finalidade apresentar a construção participativa de uma cartilha educativa com crianças da etnia Xukuru-Kariri, no contexto da Educação Escolar Indígena. A proposta busca promover uma alfabetização contextualizada, ao mesmo tempo em que fortalece os saberes tradicionais relacionados à natureza e à saúde, valorizando as práticas intergeracionais dentro do território indígena. As ações desenvolvidas foram orientadas por objetivos específicos que visaram proporcionar experiências educativas que integrem os conhecimentos tradicionais às práticas de leitura, escrita e oralidade, a partir do cotidiano das crianças. Além disso, buscou-se estimular o protagonismo infantil na produção do conhecimento, reconhecendo as crianças como sujeitos ativos e detentores de saberes sobre plantas, trajetos, território e cuidados com a saúde. Também foi incentivada a escuta ativa dos mais velhos e a transmissão intergeracional de saberes por meio de relatos orais, oficinas e atividades investigativas conduzidas pelas próprias crianças. As vivências foram sistematizadas na forma de uma cartilha pedagógica, com o intuito de que este material possa ser utilizado em outras turmas da Educação Escolar Indígena, como instrumento de valorização cultural e promoção de práticas de alfabetização em diálogo com o território.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA





A construção de uma cartilha pedagógica com crianças da etnia Xukuru-Kariri parte da necessidade de práticas educativas que respeitem e valorizem os saberes tradicionais, a cultura indígena e as formas próprias de viver a infância. No contexto da psicologia escolar, isso implica uma atuação intercultural, crítica e situada, capaz de promover o protagonismo infantil e a articulação entre oralidade, natureza, saúde e linguagem escrita.

Autores como Reis (2011) e Tassinari (2007; 2009) contribuem para uma concepção ampliada de infância, rompendo com a visão adultocêntrica e hegemônica que domina os contextos escolares. Tassinari, em especial, discute a autonomia das crianças indígenas e sua participação ativa na vida comunitária, propondo o conceito de múltiplas infâncias, em que o saber não é restrito ao espaço escolar, mas vivenciado no cotidiano, em diálogo com o território e os mais velhos.

A metodologia do projeto parte dessa concepção e propõe oficinas nas quais as crianças reconhecem elementos naturais do seu entorno, identificam plantas medicinais, reutilizam materiais e entrevistam anciãos/ãs sobre práticas tradicionais. Essas ações reforçam os vínculos intergeracionais, a valorização do território e a integração entre cuidado e aprendizagem, aspectos centrais nas pedagogias indígenas.

Além disso, a proposta dialoga com os direitos garantidos na Declaração das Nações Unidas sobre os Povos Indígenas (UNIC; UNESCO, 2009), especialmente no que diz respeito à preservação das tradições orais e ao uso da medicina tradicional. A cartilha também se posiciona criticamente diante da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), conforme debate feito por Militão (2022), ao oferecer uma alternativa pedagógica que respeita a especificidade e a autonomia da Educação Escolar Indígena (EEI), conforme preconiza a legislação nacional (BRASIL, 1998).

Assim, a fundamentação da cartilha se ancora em uma perspectiva de educação intercultural, que reconhece as crianças indígenas como sujeitos de direitos, produtores de saber e participantes ativos da vida comunitária, articulando psicologia, educação e cultura de forma integrada e transformadora.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS



A cartilha foi elaborada com o registro escrito das oficinas realizadas com as crianças. Contamos com o total de 13 crianças, 2 anciãs e 9 oficinas. Para a primeira foi solicitado pelas/os facilitadoras/es que as crianças ao se apresentarem respondessem à pergunta: se você pudesse escolher ser um animal, qual seria?

A partir disso, as crianças responderam com animais que conhecem como carcará, cobra, águia e outros. Na segunda oficina, o cerne da questão era identificar atividades realizadas no cotidiano que envolvem elementos da natureza. Para tanto, foi imprescindível dividir o grupo de estudantes em dois subgrupos, para que assim pudessem conversar e preencher fichas sobre as atividades desenvolvidas diariamente. Posterior a esse momento, houve o reagrupamento das crianças em um grupo maior para que pudessem identificar os elementos da natureza, nas atividades descritas nas fichas, em um grande debate para socializar “o dia típico na aldeia” de cada um/a.

A terceira oficina consistiu em uma roda de conversa sobre a importância da reciclagem e houve a pintura de garrafas pet. Como resultado, foram obtidos diversos vasos com pinturas variadas, incluindo grafismos indígenas. E, conforme acordado antes, as crianças buscaram mudas para plantar nos vasos construídos. Foi possível perceber a articulação de saberes aprendidos na escola, a mistura de cores resultando em uma cor diferente, e de saberes indígenas transmitidos pela oralidade, ao representarem grafismos indígenas. A quarta oficina deteve a investigação do conhecimento das crianças sobre as mudas plantadas do último encontro.

Para a quinta oficina foi criada uma roda de conversa com perguntas curiosas sobre o que as crianças enxergavam em seu caminho casa-escola. O caminho casa-escola foi aproveitado como trajeto onde as crianças, moradoras da zona rural, interagem com a natureza, identificando elementos que podem ser estudados na escola, como alguns tipos de plantas e que também têm relevância na educação não escolar, têm relevância na cultura, na promoção de saúde e rituais. Perguntamos a elas: “todoos/as passam pelo mesmo caminho?”, “quais bichos, sensações e plantas têm no caminho?”.

Em seguida as crianças foram divididas em pequenos grupos, para compartilhamento dos materiais dispostos, para desenhar individualmente o caminho percorrido com os elementos visualizados. Finalizamos com uma conversa sobre o que desenharam e sobre os elementos da natureza representados. Grande parte dos elementos mais presentes





referiam-se à presença e interação no cotidiano com familiares, casas variadas e caminhos verdes da aldeia.

Na sexta oficina as crianças Xukuru-Kariri foram divididas em dois subgrupos a partir da proximidade de suas casas e semelhança no trajeto casa-escola, e, após isso, as/os extensionistas do projeto assumem o papel de “crianças curiosas” perguntando sobre tudo o que veem, estimulando que as crianças criem respostas para suas perguntas sobre as plantas e ervas identificadas no caminho, bem como as pessoas encontradas no caminho, como por exemplo vó Baiá, detentora de diversos conhecimentos das ervas medicinais, a quem as crianças demonstraram bastante respeito e admiração.

A sétima oficina, das “plantas poderosas”, que são aquelas medicinais e/ou venenosas, que tem “algum poder”. Após a coleta das plantas poderosas, foi confeccionado um cartaz com seu nome, a própria folha colada, seu poder, sua funcionalidade e o que já fizeram com ela. A oitava oficina se deu na realização de perguntas feitas e escolhidas pelas crianças sobre a natureza e sua preservação na aldeia e plantas poderosas para anciões da aldeia. Logo, após a seleção das perguntas, extensionistas, crianças e professoras se dirigiram até alguns anciões para obter as respostas.

Por fim, a nona e última oficina deu-se com a escrita, pelas crianças, de receitas possíveis com as “plantas poderosas”. As crianças foram divididas em duplas e juntas cada dupla escreveu o passo a passo/ modo de preparo de uma receita com uma das plantas poderosas dispostas a serem escolhidas. São exemplos o chá de manjericão roxo, boldo e lambedor.

RESULTADOS

As atividades realizadas com crianças da comunidade Xukuru-Kariri evidenciaram a potência de práticas educativas intergeracionais na valorização dos saberes tradicionais e no fortalecimento da alfabetização contextualizada. As oficinas promoveram um ambiente de escuta, curiosidade e protagonismo infantil, destacando o vínculo afetivo das crianças com a natureza e com os mais velhos da comunidade.

O reconhecimento de plantas medicinais, o cuidado com os vasos, os relatos sobre trajetos cotidianos e a criação de receitas mostraram que as crianças detêm conhecimentos sobre o território, a saúde e a cultura local. As práticas de reutilização de materiais,





identificação de plantas e entrevistas com anciãos reforçaram a autonomia das crianças na produção e compartilhamento de saberes.

Os resultados apontam que a articulação entre oralidade, escrita e experiência vivida contribui significativamente para a aprendizagem e para a valorização da identidade indígena no contexto escolar. O projeto demonstrou que metodologias participativas, sensíveis à realidade local, potencializam o desenvolvimento integral e o protagonismo das crianças indígenas.

A cartilha elaborada pela Universidade e pela liderança comunitária parceira do projeto contou com o apoio do Fundo Casa Socioambiental para a sua publicação. Ela se apresenta como instrumento de apoio pedagógico para ser replicado em qualquer contexto indígena, também para que outros povos produzam suas cartilhas. O material, ser disponibilizado de forma digital e impressa vai percorrer ainda as 22 escolas indígenas do estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da primeira cartilha feita por e para crianças indígenas no contexto escolar de alfabetização como educacional constitui com um marco para Educação Escolar Indígena do estado, bem como para a parceria UFAL-mata da cafurna. O encontro intercultural entre Universidade e aldeia produziu um material relevante para o dia a dia das aldeias e satisfez demanda local. Além disso, contribui-se na potencialização e promoção do protagonismo de crianças indígenas, bem como na criação de um ambiente de aprendizagens divertidas ao sugerir sair da escola e trabalhar com “plantas poderosas”, criar receitas e pensar na própria comunidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

MILITÃO, Mirela Dantas. **Educação Escolar Indígena e a Base Nacional Comum Curricular: entre o direito e o retrocesso**. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 38, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/ledur>. Acesso em: 15 jul. 2025.

REIS, Magali. **Infância e cultura**. *Revista Educação*, v. 5, p. 1–15, 2011.

TASSINARI, Antonella. **Concepções indígenas de infância no Brasil**. *Tellus*, Campo Grande, v. 7, n. 13, p. 11–25, out. 2007.





TASSINARI, Antonella. **Múltiplas infâncias: o que a criança indígena pode ensinar para quem já foi à escola.** In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 33., 2009, Caxambu. **Anais eletrônicos...** Caxambu: ANPOCS, 2009. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/papers-33-encontro/gt-16/gt30-2/3426-antonellatassinari-multiplas>. Acesso em: 15 jul. 2025.

UNIC; UNESCO. **Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas.** Brasília: Organização das Nações Unidas, 2009. Disponível em: https://www.ohchr.org/sites/default/files/Documents/Publications/DRIPS_pt.pdf. Acesso em: 15 jul. 2025.